

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL: UM ESTUDO SOBRE INCLUSÃO E SOCIALIZAÇÃO EM SALA DE AULA

Autor: Cláudia Valéria da Silva¹ Keity Elen da Silva Melo²

Orientador: Professora Maria de Fátima Larré

Instituto Superior de Educação de Pesqueira - ISEP

keityelencates8@hotmail.com

RESUMO

A inclusão atualmente tem sido motivo de várias discussões no âmbito educacional tanto na forma de legislação quanto na teoria e prática. Contudo, ainda são encontradas diversas barreiras nos espaços escolares para que ela de fato aconteça, como: a falta de formação e informação de alguns professores, recursos para trabalhar com esse público, e a importância das instituições escolares adequarem-se estruturalmente e pedagogicamente com a finalidade de atender as necessidades desses educandos. Diante disso, este estudo discorre um relato de experiência desenvolvido em um estágio supervisionado no curso de pós-graduação em psicopedagogia institucional, o qual se desenvolveu em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental I, pertencente à rede pública de ensino, no município de Garanhuns/Pernambuco, composta por 25 alunos, entre 7 e 9 anos de idade, onde um desses alunos diagnosticado clinicamente com autismo infantil, o qual muitas vezes isolava-se do restante da turma, recusando-se a participar de algumas atividades propostas. A partir de uma análise institucional, buscou-se investigar e intervir em sala de aula, diante da queixa relatada pela docente regente da mesma, a qual encontrava algumas barreiras para integralizar as crianças em atividades coletivas, às quais promovessem a inclusão e socialização, envolvendo assim todos os educandos. Nas nossas observações percebemos que o espaço físico da sala de aula era inadequado às necessidades vigentes, pequeno, impossibilitando a circulação das crianças, os momentos de brincadeiras e atividades lúdicas que possibilitassem a interação entre os educandos. Pôde-se avaliar que as atividades desenvolvidas como intervenção proporcionaram a interação e integralização das crianças, desenvolvendo o conhecimento e a participação coletiva, despertando um espaço rico em estímulos, onde as crianças puderam experimentar novas descobertas através da brincadeira, socializando-se com os colegas de maneira onde manifestaram sentimentos e

pensamentos. Foi observada também a disposição do aluno autista em todas as atividades desenvolvidas, promovendo a sua inserção no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: AUTISMO, SOCIALIZAÇÃO, INCLUSÃO, BRINCADEIRA, CRIANÇA.

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL: UM ESTUDO SOBRE INCLUSÃO E SOCIALIZAÇÃO EM SALA DE AULA

Cláudia Valéria da Silva¹ Keity Elen da Silva Melo²

Orientador: Professora Maria de Fátima Larré

Instituto Superior de Educação de Pesqueira - ISEP

keityelencates8@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As concepções inseridas num contexto histórico e social sobre inclusão fizeram com que o trabalho educacional com as pessoas deficientes encontrasse vários obstáculos que contribuíram para que estas tivessem negado o seu direito à educação na prática escolar, além de existir uma segregação de que essas pessoas não tivessem potencialidades para aprender.

Com uma nova visão de homem em torno do mundo e sociedade a educação das pessoas com deficiência vem ao longo dos tempos sofrendo grandes mudanças que têm beneficiado a todos de um modo geral, na sociedade contemporânea pessoas com deficiências são vistas como sujeitos dotados de potencial criativo, intelectual e construtivo saindo dos guetos, tornando-se cidadãos que lutam por seus direitos previstos em lei.

A inclusão atualmente tem sido motivo de várias discussões no âmbito educacional tanto na forma de legislação quanto na teoria e prática. Contudo, ainda são encontradas diversas barreiras nos espaços escolares para que ela de fato aconteça, como: a falta de formação e informação de alguns professores, recursos para trabalhar com esse público, e a importância das instituições escolares adequarem-se estruturalmente e pedagogicamente com a finalidade de atender as necessidades desses educandos.

JUSTIFICATIVA

O presente estudo busca investigar e intervir por meio de uma análise psicopedagógica institucional em um espaço de sala de aula, de uma escola da rede pública de ensino, situada no município de Garanhuns/PE, em uma turma de 3º ano, com alunos entre 7 e 9 anos de idade. Sendo válido salientar que a mesma é composta por 25 alunos, o qual um deles é diagnosticado clinicamente com autismo infantil.

Sabendo-se que a primeira infância é um lócus de extrema importância, é onde se inicia o desenvolvimento da criança em diferentes aspectos, e a partir do qual devemos discorrer e praticar uma verdadeira educação emancipatória, pois as questões suscitadas a respeito da diversidade, da construção do eu, e o encontro com o diferente acontece em situações corriqueiras no contexto da sala de aula.

Após observações e entrevistas, deu-se início ao estudo por meio da queixa relatada pela professora a respeito da socialização e inclusão em sala de aula, onde a mesma encontrava dificuldades em desenvolver atividades coletivas a qual atendessem a todos os educandos, pois encontrava barreiras de socialização e integração entre as crianças. Diante dessa queixa buscamos estratégias para minimizar essas dificuldades, inserindo a criança diagnosticada com autismo no ambiente escolar, e respeitando as especificidades de cada aprendiz.

METODOLOGIA

O estágio institucional deu-se início com entrevista a gestora da instituição de ensino, a qual nos encaminhou para uma determinada turma. Após, fizemos algumas observações no ambiente físico da escola, e logo depois observamos a sala de aula e entrevistamos a professora regente da mesma, para esclarecimentos mais detalhados das características peculiares da turma.

Nas nossas observações percebemos que o espaço físico da sala de aula era inadequado às necessidades vigentes, pequeno, impossibilitando a circulação das crianças, os momentos de brincadeiras e atividades lúdicas que possibilitem a interação entre os educandos.

A partir de algumas constatações, ficou visível a necessidade de desenvolvimento de um trabalho cooperativo em sala de aula que propicie aos educandos e educador experiências plurais envolvendo a questão de crianças com necessidades especiais, para que assim, seja possível reconhecer a importância da escola para o aprimoramento sócio-cognitivo dos sujeitos. Pois, a inclusão se faz presente em alguns momentos, como no ato do brincar e durante a realização das atividades. Em algumas situações, víamos a preocupação estampada no rosto de algumas crianças e

da professora. Enfim, sempre surgiam perguntas, como: tia quem é que vai ajudar o nosso coleguinha cego?

Diante desse quadro, nas atividades de intervenção, desenvolvemos atividades lúdicas, como: dinâmicas e brincadeiras, resgatando o brincar de forma educativa na sala de aula, onde os alunos participaram com estímulo e empolgação.

As atividades de intervenção foram desenvolvidas da seguinte forma:

- No primeiro momento de estágio realizamos as observações na turma e entrevista com a professora.
- No segundo momento elaboramos atividades para serem realizadas na sala de aula.
- Logo depois desenvolvemos as atividades lúdicas e descontraídas com a turma, fazendo uso de jogos e brincadeiras a qualquer envolvesse todos os alunos.
- E por fim, assistimos ao filme vida de inseto, após foi construído cartazes em equipe sobre as compreensões do filme.

Ao término do estágio supervisionado institucional, pudemos avaliar que as atividades desenvolvidas proporcionaram a interação e integralização das crianças, desenvolvendo o conhecimento e a participação grupal e coletiva de todos os envolvidos, despertando um espaço rico em estímulos, onde as crianças puderam experimentar novas descobertas através da brincadeira, socializando-se com os colegas de maneira onde manifestaram sentimentos e pensamentos. Foi observada também a disposição do aluno autista em todas as atividades desenvolvidas, promovendo a sua inserção nesse contexto educativo.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O processo de socialização é de fundamental importância para a construção de sociedade a qual ocorre em diversos espaços sociais. Ou seja, é pelo processo de socialização que os indivíduos interagem e se integram por meio da comunicação, ao mesmo tempo em que constroem a sociedade.

Para o sociólogo brasileiro Gilberto Freire, a socialização pode ser definida da seguinte maneira:

“É a condição do indivíduo (biológico) desenvolvido, dentro da organização social e da cultura, em pessoa ou homem social, pela aquisição de status ou situação, desenvolvidos como membro de um grupo ou de vários grupos.”



Dessa forma a socialização é um processo que implica na interação social, entre o indivíduo que está a ser socializado e a sociedade que o envolve. Este processo tem início na família a qual é o primeiro grupo de contato do ser com base afetiva, após a escola, que é vista como segundo grupo social do sujeito, reprodutora de conhecimentos. Assim, cabe a ela a importância de desenvolver ações em que aconteçam as interações entre os sujeitos que nela estejam inseridos. Pois é através da socialização que o indivíduo se torna um ser social, que pensa, que atua, adquire a cultura, entra em contato com as normas, os comportamentos e as condutas do grupo social em que está inserido, é através deste mecanismo de construção e interiorização que a criança adquire comportamentos considerados adequados e corretos à sociedade e ao que dela é esperado, é também através do contato social que são impostas regras de conduta que devem reger os comportamentos dos indivíduos de forma a harmonizar os padrões de convivência social.

Algumas crianças apresentam dificuldades de socializarem-se no ambiente escolar, e isto às vezes é interferindo no seu desenvolvimento, buscamos como objetivo investigar como aprimorar o processo de socialização na escola.

A socialização é um processo que acontece entre o sujeito, o outro e o mundo, conforme afirma VYGOTSKY, citado por CRAYDY e KRAECHER (2001, 18):

O funcionamento psicológico estrutura-se a partir de relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o mundo exterior. Tais relações ocorrem dentro de um contexto histórico e social, no qual a cultura desempenha um papel fundamental, fornecendo ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade.

Ficando explícito assim, que a escola não detém apenas o papel de transmissão de conhecimentos científicos, denominada de socialização formal, mas também cabe a esta o desenvolvimento de capacidades cognitivas, afetivas, capacidade de relacionamento em sociedade, competências comunicativas e participação na formação da identidade individual de cada aluno, denominada de socialização informal.

Sabe-se que não nascemos com traços culturais já estabelecidos em nossas mentes, mas que é através do processo de socialização, enquanto aprendizagem de uma cultura que adquirimos essas normas e condutas.

A socialização é responsável por garantir que o sujeito aprenda como guiar-se em meio ao mundo de significados partindo de sua realidade, onde influenciará sobre o seu comportamento nomeio social.



CONCLUSÃO

A educação é um processo dialógico, por isso deve proporcionar um ambiente propício à concretização de um conhecimento fundamentado no diálogo, desta forma evidencia-se a importância de os sujeitos trabalharem de forma coletiva e cooperativa, pois neste tipo de atividade se expõe dialogicamente conhecimentos já apreendidos e se abre a possibilidade de construção de novas aprendizagens.

É essencial que a criança desde pequena aprenda a lidar com a socialização, de fazer sua parte, de ajudar o próximo. Ela dialoga, ouve o outro, aproveita as críticas, fala seu ponto de vista e coordena ações para obter resultados em atividades grupais.

Deste modo, cabendo ao professor que é o indivíduo que detém mais experiência em sala de aula, intervir e mediar à relação do educando com o conhecimento e com o outro. Objetivando a mediação, interferindo no desenvolvimento dos educandos e provocando avanços, formando assim cidadãos capazes de viver em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAYAD, Carmem, KERCHER, Glárgis, **E. Educação Infantil – Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 50.ed. revista. São Paulo: Global, 2005.